

O DISCURSO DE PAULO EM ATENAS, ENCONTRO ENTRE FÉ CRISTÃ E FILOSOFIA GREGA

Francisco José da Silva

Mestre em Filosofia UFC
Professor do Curso de Filosofia da UFCA
filosofranz@yahoo.com.br

Resumo:

O discurso de Paulo em Atenas (Atos 17,16-34) é um dos primeiros textos em que se trata diretamente da relação entre gregos e cristãos. O discurso é emblemático, pois representa o primeiro encontro entre filosofia grega e fé cristã no interior do Novo Testamento. Ao ler o livro dos *Atos dos Apóstolos*, nos defrontamos com inúmeras situações de confronto entre judeus convertidos e gentios, onde se disputa sobre as obrigações destes últimos de seguir as práticas legais e rituais do judaísmo (como por exemplo, a circuncisão e a guarda do sábado). O discurso de Paulo em Atenas se dá por volta do ano 50-52 d.C., no Areópago, onde Paulo percebe o temor supersticioso (deisidaimonia) dos gregos, pois encontrou na cidade imagens para todas as divindades, incluindo uma dedicada ao 'Deus desconhecido' (agnôstô Theô), o qual ele utiliza como argumento para seu discurso, seus interlocutores são os filósofos epicuristas e estóicos. Estas escolas filosóficas, que estavam em voga na época, podem servir como mote para reflexão sobre as concepções de Deus dos judeus e gregos, bem como sua relação com a discussão filosófica na antiguidade tardia. Podemos perceber no discurso de Paulo influências do pensamento estóico, a partir dos temas tratados e da citação do filósofo estóico Cleantes (sec. IV a.C.), bem como da proximidade entre as ideias do apóstolo e do filósofo Sêneca (sec.I). Pretendemos de forma breve expor em que condições este encontro supostamente aconteceu e como ele serve de paradigma para compreender melhor a relação entre fé cristã e filosofia no mundo antigo.

Palavras-chave: Cristianismo. Filosofia. Divindade.

Abstract:

Paul's speech in Athens (Acts 17.16-34) is one of the first texts that directly addresses the relationship between Greeks and Christians. The speech is emblematic, as it represents the first meeting between Greek philosophy and Christian faith within the New Testament. When reading the book of Acts, we are faced with numerous situations of confrontation between Jewish converts and Gentile, where dispute over the obligations of the latter to follow the legal practices and rituals of Judaism (such as circumcision and Sabbath keeping). Paul's speech in Athens takes place around the year AD 50-52, in the Areopagus, where Paul realizes superstitious awe (deisidaimonia) of the Greeks, as found in the city images for all deities, including one dedicated to the 'unknown God' (agnôstô Theo), which he uses as an argument for his speech, his interlocutors are the epicurean and Stoic philosophers. These philosophical schools, which were in vogue at the time, can serve as a theme for reflection on the concepts of God of the Jews and Greeks, as well as its relation to the philosophical discussion in late antiquity. We can notice in the speech of Paul influences of the Stoic thought, from the themes treated and citation Stoic philosopher Cleanthes (sec. IV BC) as well as the proximity of the ideas of the apostle and the philosopher Seneca (sec.I). We intend to briefly explain under what conditions this meeting supposedly happened and how it serves as a paradigm to better understand the relationship between Christian faith and philosophy in the ancient world.

Keywords: Christianity. Philosophy. Divinity.

1. Introdução

O discurso de Paulo em Atenas (Atos 17,16-34) é um dos primeiros textos do Novo Testamento em que se trata diretamente da relação entre gregos e cristãos¹. O discurso é emblemático, pois representa o primeiro encontro entre filosofia e fé cristã. Pretendemos de forma breve expor em que condições se deu este suposto encontro e como ele serve de paradigma para compreender melhor a relação entre fé cristã e sabedoria grega.

Como devemos saber a cultura judaica ou hebraica é totalmente distinta dos modelos da cultura grega, seja na religião, seja nos costumes, e ainda mais nas categorias que moldam suas formas de pensar. Os hebreus são um povo de origem semita que viveu na região da atual Palestina, em meio a desertos retirando da agricultura e do pastoreio sua subsistência. Esse povo se constituiu como nação independente no século IX a.C., muito embora só a partir do século VI a.C. venha desenvolver as tradições orais na forma escrita denominada hoje Antigo Testamento (predominando a Torah ou Pentateuco).

A concepção de divindade dos hebreus é distinta dos povos vizinhos, embora seja matriz tribal, o 'Deus de Israel' é um Deus único, que se relaciona com seu povo através da história, formando com este aliança e libertando da opressão e escravidão do Egito (cf. Êxodo). Este Deus dos hebreus requer exclusividade e exige deste povo que se separe dos outros e siga seus mandamentos, codificados no Decálogo por Moisés. A religião judaica é uma religião do livro e funda-se em ritos estritos e sacrifícios de animais, muito embora a principal preocupação seja o cumprimento da lei e da justiça, como o proclamam os profetas (em especial cita-se Isaías).

Os gregos por sua vez são um povo de origem indo-européia que se constitui no encontro de povos diversos, tais como dórios, jônios e aqueus, vivendo numa região cercada de montanhas e na proximidade do litoral. Os gregos desenvolveram uma religião que se faz manifesta nas narrativas poéticas da *Ilíada* e da *Odisseia*, muito embora não seja uma religião do livro,

¹ É necessário esclarecer que partimos do encontro de Paulo com os filósofos de Atenas não o tendo como um documento histórico, uma vez que o autor de Atos dos Apóstolos, tradicionalmente atribuído a Lucas, não tinha pretensão de fazer um relato histórico, mas uma obra de caráter apologético em relação à missão de Paulo.

nem tenha uma casta sacerdotal rigidamente constituída. Sua concepção de deus funda-se num politeísmo que identifica deuses e homens em torno das paixões e amores desregrados. Neste sentido não se pode exigir dos homens uma moral rígida, uma vez que a vontade dos deuses é caprichosa e até estes devem se submeter ao destino. Este povo é conhecido pelos seus alcances nas artes e ciências, bem como na política e na filosofia. Ao contrario dos hebreus, os gregos não se destacam pelas virtudes de sua religião, mas pela perspicácia de sua filosofia.

Em relação ao encontro entre judaísmo e cultura grega podemos lembrar o episodio histórico dos irmãos Macabeus, que se opuseram a chamada “abominação da desolação” (1Mc 1, 54), a introdução da estatueta de Zeus olímpico no templo de Jerusalém por parte de Antíoco IV epífanes (175-164 a.C.), além da inserção dos elementos da cultura grega, tais como o teatro, os ginásios, etc. Outro elemento de destaque nesta relação foi a tradução da Bíblia hebraica para o grego, a chamada versão dos Setenta (LXX ou Septuaginta)². A língua grega, após as conquistas de Alexandre Magno tornou-se, pois, a língua comum (koinê) usada pelo mundo antigo e, por essa razão, veículo pelo qual a cultura grega e sua literatura penetraram o mundo semita de então.

Como mediação intelectual do encontro entre cultura judaica e grega devemos lembrar, como já citado acima, a figura de Filon de Alexandria (sec.I), filosofo judeu que pretendeu fazer uma síntese entre judaísmo mosaico e filosofia grega. Entre suas obras destacam-se *De officio mundi*, *Legum allegoriae*, *De Abrahamo*, *De Decalogo*, *De Vita Mosis*, *De vita contemplativa*, etc. Destaca-se em Fílon o uso do método alegórico na interpretação das passagens da Bíblia, bem como sua doutrina das Ideias, enquanto revelam a mente de Deus, além de sua teoria das Potências de Deus e do Logos criador. A influência de Fílon poderá ser percebida em outros pensadores de sua

² Esta versão da Bíblia será a versão utilizada por Fílon de Alexandria, que nela reconhece não apenas uma tradução qualquer, mas uma tradução inspirada, além dele também os evangelistas a utilizaram em suas citações do Antigo Testamento.

época, tais como, o historiador judeu Flavio Josefo (sec.I)³, o filósofo Plotino (sec.II), além do evangelista João em sua doutrina do 'Logos' (João 1,1).

Como nos esclarece Reale:

A tentativa de fusão entre teologia hebraica e filosofia grega operada por Filo, mesmo com todas as incertezas e numerosas aporias constitui um acontecimento de alcance excepcional não só no âmbito da história espiritual da greccidade e na do hebraísmo, mas também em geral, enquanto inaugura a aliança entre fé bíblica e razão filosófica helênica, destinada a ter tão amplo sucesso com a difusão do discurso cristão, e da qual deviam brotar as categorias do pensamento dos séculos posteriores. Com Filo, em suma, como foi justamente observado, começa, em certo sentido, a história da filosofia cristã, e, portanto 'européia' (REALE, 1992, p. 219-220).

Se com Fílon, podemos entrever o nascimento da filosofia cristã europeia, será com Paulo de Tarso, que desta se constituirá a teologia cristã. Saulo, nascido em Tarso na Cilícia, foi um homem culto, educado na cultura judaica e grega de sua época. Como ele mesmo diz, foi criado segundo a tradição farisaica⁴, que valorizava a Torah oral, tendo estudado na escola de um grande Rabi chamado Gamaliel (Atos 22). Durante certo tempo Saulo foi um perseguidor dos seguidores do 'caminho' (como era denominado cristianismo então) e no caminho de Damasco foi envolvido por uma luz, tendo uma visão do Cristo ressuscitado, após um período de cegueira encontra um homem chamado Ananias que o batiza tornando-o cristão (Atos 9,1-19) e, por consequência, o maior missionário do cristianismo.

Paulo enfrentou em sua missão apostólica, o grande desafio de ser 'o apóstolo dos gentios', algo que de início foi visto com desconfiança pelos judeus ortodoxos de sua época. Ao ler o livro dos *Atos dos Apóstolos*, nos defrontamos com inúmeras situações de confronto entre judeus convertidos e gentios, onde se disputa sobre as obrigações destes últimos de seguir as práticas legais e rituais dos judeus (como por exemplo, a circuncisão e a guarda do sábado). É importante frisar que em várias passagens dos Evangelhos encontramos gentios, entre eles gregos, como figuras privilegiadas da mensagem da salvação, entre estes exemplos podemos citar, o centurião romano que reconhece Jesus como filho de Deus, em Marcos.

³ Sobre Flavio Josefo, conferir em especial *Antiguidades Judaicas* e *Contra Apião*, em sua *Obra Completa* publicada pela editora CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus).

⁴ Os fariseus (parish), os separados ou santos, foram uma das 'filosofias' ou seitas dos judeus juntamente com os saduceus, os essênios e os zelotes.

O primeiro Concílio de Jerusalém (Atos 15) tenta resolver a questão apontando para as regras fundamentais que deviam ser seguidas pelos cristãos convertidos do paganismo. Este confronto torna-se agudo na *Carta aos Gálatas*. Os primeiros autores cristãos posteriores aos evangelistas, os chamados Padres Apostólicos e Apologistas irão se defrontar com esta questão dos judaizantes e helenizantes, entre os que rejeitam o helenismo estão Tertuliano, Taciano, Atenágoras e entre os helenizantes Orígenes e Clemente de Alexandria.

Entre suas missões destacamos o encontro entre ele e os filósofos gregos na Praça de Atenas, o qual será para nós um encontro paradigmático e decisivo em relação ao encontro destas duas culturas. Paulo foi um conhecedor da cultura clássica como podemos perceber em suas *Cartas*, onde cita autores e faz uso de esquemas de pensamento próprios da cultura helenística. Como exemplo disso, citemos a passagem em que o apóstolo faz referencia a uma passagem da obra *Fenômenos* de Arato, poeta da Cilícia (sec.III a.C.), sobre a descendência divina dos homens: “*Pois somos também de sua raça*”⁵ (Atos 17, 27-29). Mesmo assim é de se notar as críticas de Paulo ‘a filosofia’ ou sabedoria humana (1 Cor 1, 17-31), que termina em querelas de palavras e tradições humanas.

Na Carta aos Colossenses (2, 8), Paulo diz:

Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da filosofia, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo o Cristo.

O uso do termo ‘filosofia’ em Colossenses não diz respeito ao que comumente se denomina filosofia, mas às seitas, heresias ou grupos ideológicos de então, o próprio texto da Carta nos permite entrever os sincretismos que se baseavam na adoração aos anjos e elementos da natureza.

⁵ A citação também pode ser referida ao *Hino de Zeus* de Cleanto, estóico que viveu na mesma época e se expressa nos mesmo termos.

2. O discurso de Paulo em Atenas

O episódio do discurso de Paulo se dá em Atenas, ele observa as templos gregos em honra das diversas divindades, percebendo a superstição reinante entre eles numa pluralidade de divindades não apenas de origem helênica, mas muitas até mesmo do Egito e da Ásia. A diversidade de imagens sagradas era vista pelos judeus e, conseqüentemente, pelos cristãos como evidencia de idolatria.

Enquanto Paulo os esperava em Atenas seu espírito se inflamava dentro dele, ao ver cheia de ídolos a cidade. Disputava, por isso, na sinagoga, com os judeus e os adoradores de Deus; e na Ágora, a qualquer hora do dia, com os que a freqüentavam. Até mesmo alguns filósofos epicureus e estóicos o abordavam. E alguns diziam: 'Que quer dizer esse palrador?' E outros: 'Parece um pregador de divindades estrangeiras'. Isto, porque ele anunciava Jesus e a ressurreição (Atos, 17,16-18).

O discurso em questão se dá por volta do ano 50-52 d.C., no Areópago de Atenas, onde Paulo percebe o temor supersticioso (deisidaimonia) dos gregos, pois havia imagens para todas as divindades, incluindo uma dedicada ao "Deus desconhecido" (agnostô Theô), diante dos filósofos epicureus e estóicos.

Tomando-o pela mão, conduziram-no ao Areópago, dizendo: 'Poderíamos saber qual é essa nova doutrina apresentada por ti? Pois são coisas estranhas que nos trazes aos ouvidos. Queremos, pois, saber o que isto quer dizer'. Todos os atenienses, com efeito, e também os estrangeiros aí residentes, não se entretinham noutra coisa senão em dizer, ou ouvir, as ultimas novidades (Atos, 17, 19-21)

O teor do discurso de Paulo é primeiramente conciliador:

De pé, então, no meio do Areópago, Paulo falou: Caros atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. Pois, percorrendo a vossa cidade e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com a inscrição: 'Ao Deus desconhecido'. Ora bem, o que adorais sem conhecer, isto venho eu anunciar-vos (Atos, 17, 22-23)

O discurso de Paulo procura de inicio encontrar o elemento comum entre pagãos e cristãos, qual seja o da adoração a divindade, muito embora esta tenha se tornado fonte de idolatria e superstição. Seu discurso é também ouvido pelos filósofos que se encontram na Ágora de Atenas, são eles os epicureus e estóicos. Estes últimos são as grandes escolas do helenismo Greco-romano, caracterizando-se pela ênfase nas questões éticas e

antropológicas, em detrimento das discussões puramente metafísicas. Suas doutrinas seguiam o esquema comum de divisão da filosofia em canônica (lógica), física e ética.

Os epicureus, citados em primeiro lugar, são os discípulos do filósofo Epicuro de Samos (sec.IV a.C.), que ensinava que os deuses não deviam ser temidos, mas admirados e reverenciados, pois vivem em beatitude e não necessitam de nada de nossa parte. Sua doutrina ética está desenvolvida de forma clara na sua *Carta a Meneceu*. O sábio deve viver de forma a alcançar a felicidade na fruição da vida finita, cujo bem deve ser encontrado no exercício da virtude e na fruição dos prazeres moderados.

Segundo ele:

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que faz deles a maioria das pessoas essa não existe (...) ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria (EPICURO, 1997, p. 25).

Já os estóicos são os filósofos que seguiam as ideias de Zenon de Cition (sec.IV a.C.), eram assim denominados porque sua escola se encontrava no pórtico (Stoa). Os estóicos viviam de forma austera num ascetismo rigoroso, tendiam a aceitação da natureza das coisas, no exercício da virtude e na vida segundo a razão e a prudência. Entre os grandes estóicos gregos podemos citar, além de Zenon, Cleanto, Crisipo e Panécio de Rodes, e entre os romanos o imperador Marco Aurélio, o escravo Epicteto e Sêneca. Alguns autores antigos observaram semelhanças profundas entre o pensamento paulino e a filosofia de Sêneca (séc.I), o qual escreveu varias obras morais (*Cartas consolatórias, Sobre a brevidade da vida, Sobre a vida feliz, etc.*) entre as quais alguns atribuem uma suposta correspondência entre Paulo e Sêneca.

Segundo Reale:

O elevado conceito de Deus, o sentido da espiritualidade do homem, o sentido da fragilidade humana, o da fraternidade e a pregação da benevolência e do amor, que tem em Sêneca a importância que vimos de comprovar, fizeram surgir a conhecida lenda da relação entre o nosso filósofo e São Paulo, e até mesmo deram origem a um epistolário apócrifo entre o filósofo e o Apóstolo (REALE, 1992, p.83).

Apesar de tais semelhanças permanece um abismo que separa as concepções do filósofo e do apóstolo, na medida em que este se funda na verdade revelada por Deus na Bíblia, na qual a verdade não é apenas um

conceito, mas uma pessoa, Jesus Cristo, já aquele se pauta pela verdade concebida pela razão natural, como resultado da investigação da natureza (physis) das coisas (cf. REALE, 1992, p. 84).

Retornando ao nosso texto, Paulo, após uma primeira aproximação procura então apresentar sua perspectiva em relação à divindade, acentuando a distinção em relação à concepção pagã (grega) da concepção judaica de Deus, para esta como relação com um Deus único e transcendente, incapaz de ser representado, enquanto que para os gregos, a divindade é uma realidade plural, podendo ser representado através de esculturas antropomórficas.

Podemos definir a religião grega minimamente a partir das palavras de Jean Pierre Vernant, em seu livro *Mito e Religião Grécia Antiga*, da seguinte forma:

Esta tradição religiosa não é uniforme nem estritamente determinada; não tem nenhum caráter dogmático. Sem casta sacerdotal, sem clero especializado, sem igreja, a religião grega não conhece livro sagrado no qual a verdade estivesse definitivamente depositada num texto. Ela não implica nenhum credo que imponha aos fiéis um conjunto coerente de crenças relativas ao além (VERNANT, 2009, p.13-14).

Os gregos, apesar de ter toda uma hierarquia de deuses, não tinham o senso ritualístico e legalista dos judeus, os quais constituíram todo um edifício litúrgico e legal condensado na Torah (Pentateuco). O senso de transcendência de Deus pensado pelos judeus é extremamente desenvolvido e não permite que se faça nenhuma figuração deste, nem mesmo representação esculpida.

Segundo Paulo:

O Deus que fez o mundo e tudo que nele existe, o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas. Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, ele que a todos dá a vida, respiração e tudo o mais. De um só ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, fixando os tempos anteriormente determinados os limites e seu habitat. (Atos, 17, 24-26)

Pela passagem acima percebemos claramente a diferença a concepção d divindade apresentada por judeus e cristãos aos pagãos. Deus é, em primeiro lugar, incriado e criador de todas as coisas e do homem, apesar de não ser dito no texto, mas como pressuposto, tudo foi criado a partir do nada (ex-nihilo), os gregos, ao contrário, concebiam as divindades como tendo elas também uma origem (cf. HESÍODO, 1992), além do cosmo não ser criado do nada, mas a partir do caos preexistente, em segundo lugar, Deus, para os

judeus deve ser adorado pelo cumprimento do direito e da justiça, não apenas com rituais, e, em terceiro lugar, o homem é imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-27), sendo criada toda a raça humana a partir de um homem, Adão (do hebraico Adamah, terra), o qual depois do pecado conduziu toda a criação a decadência.

Tudo isto para que procurassem a divindade e, mesmo se às apalpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos poetas, aliás, já disseram. 'Porque somos também de sua raça'. Ora, se nós somos de raça divina, não podemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, a uma escultura de arte e engenho humanos. (Atos, 17, 27-29)

Como percebemos na sequência do discurso surge o elemento distintivo e a crítica a idolatria. O arremate se dá na crítica a superstição antes vista como qualidade, como piedade exacerbada. A idolatria conduz os homens a adorar formas inferiores, imagens de metal ou pedra das criaturas, ao invés de reconhecer no interior do homem a imagem e semelhança do criador.

Já entre os filósofos pré-socráticos encontramos esse senso da transcendência de Deus, a exemplo disso podemos fazer referência a Xenófanes em sua crítica ao antropomorfismo de Homero e Hesíodo, segundo ele os poetas atribuíram aos deuses tudo o que entre os homens há de mais reprovável (cf. XENÓFANES, 1996, p. 70 [fragmentos, 11, 12 e 15]), além dele também a Platão fez sua crítica ao antropomorfismo e a superstição dos gregos, como por exemplo, no diálogo *Eutífron*, por fim, podemos ainda falar dos estóicos. Entre os autores citados no discurso de Paulo, voltamos a falar dos textos dos estóicos Arato (*Fenômenos*) e Cleanto (*Hino a Zeus*).

Arato (315-240 a.C.) nasceu na Cilícia como Paulo, foi poeta, astrônomo e filósofo estóico, apresenta um quadro dos conhecimentos de sua época. Citemos o trecho a que Paulo se refere:

Que todo cântico comece por Zeus! Não deixemos jamais, ó mortais, seu nome sem louvor. Tudo está cheio de Zeus, as ruas, as praças, onde os homens se reúnem, e o vasto mar e os portos; em qualquer lugar a que formos, temos todos necessidade de Deus. Tanto é que somos de sua raça (COMBY, 1988, p. 31-32).

Em relação à Cleanto (331-232 a.C.), foi atleta e depois discípulo e sucessor de Zenão, fundador da escola estóica, seu *Hino a Zeus*, tem a mesma inspiração que o trecho de Arato, citado acima.

Ó mais glorioso dos Imortais, tu, que és invocado com tantos nomes, eternamente onipotente, Zeus, autor da Natureza, que, na lei, governa todas as coisas, Eu te saúdo, porque todo homem, sem impiedade, pode dirigir-te a palavra. Porque é de ti que procedemos, uma vez que únicos de todos os mortais (...) É por ele que diriges o Logos universal, que circula através de todos os seres. (COMBY, 1988, p. 32).

Diante dessas passagens podemos encontrar elementos comuns entre a filosofia estóica e o pensamento de Paulo, o que torna possível de certo modo um contato frutífero entre ambas as formas de pensamento, por essa razão tantos pensadores cristãos foram influenciados pelo pensamento estóico. Além desta razão, podemos ainda citar a doutrina do Logos, a qual serviu de base para o conceito de divinização de Jesus Cristo, presente mesmo no evangelho de João e em Paulo, em especial em sua *Carta aos Colossenses* 1,15: “*Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criação*”.

Por isso, não levando em conta os tempos da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos e em toda parte se arrependam, porque ele fixou um dia no qual julgará o mundo com justiça por meio do homem a quem designou, dando-lhe crédito diante de todos, ao ressuscitá-lo dentre os mortos. (Atos, 17, 30-31)

Também os estóicos acreditavam em um julgamento final, uma conflagração universal, mas enquanto um fogo purificador do cosmo. Os tempos atuais, segundo o apóstolo, são os tempos do arrependimento, pois por meio de Jesus toda a humanidade será julgada, a marca distintiva do senhorio de Cristo é sua ressurreição dos mortos.

O grande problema que se apresenta aos gregos aqui é o anúncio da ressurreição de Jesus, pois;

Ao ouvirem falar da ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar, enquanto outros diziam: ‘A respeito disto vamos ouvir-te outra vez’. Foi assim que Paulo retirou-se do meio deles. Alguns homens, porém, aderiram a ele e abraçaram a fé. Entre eles se achavam Dionísio, o Areopagita, bom como uma mulher, de nome Damaris, e ainda outros com eles. (Atos, 17, 23-34)

O final do discurso apresenta o descrédito dos gregos em relação à ressurreição que, como disse Jesus, é o grande sinal dos cristãos, o sinal de Jonas (Lc 11,29-32). O anúncio da ressurreição soa estranho para os gregos

que ou acreditavam na transmigração como os órficos, pitagóricos e platônicos, ou não acreditavam em vida posterior a morte, como pensavam os filósofos da natureza.

A crença na ressurreição dos mortos é uma crença judaica e cristã, muito embora os judeus saduceus não acreditassem nela, pois sua leitura literal da Torah não atinava para isso. Já os pagãos não acreditavam nessa possibilidade ou nem mesmo imaginavam-na. Para Paulo, a ressurreição é o grande anúncio da fé cristã, sem o qual a fé é vã (1 Cor). Mesmo os ritos do batismo e da ceia cristã (eucaristia) têm relação com a ressurreição de Jesus. Segundo o apóstolo dos gentios, ao sermos batizados, o mergulho nas águas representa nossa morte e ressurreição com Cristo, assim como da mesma forma quem come do corpo e sangue de Cristo compartilha de sua paixão e ressurreição.

Pelo que podemos perceber a doutrina judaico-cristã da ressurreição é escândalo para os gregos, que mesmo curiosos ao discurso de Paulo, acabam por ignorar esta doutrina que depende inteiramente da fé, não sendo objeto de investigação racional, nem científica, mas que abre uma nova perspectiva para a relação entre o Deus e o homem, na medida em que ao partilharmos da redenção por meio de Cristo somos alçados a condição de filhos de Deus e partícipes de sua natureza.

3. Conclusão

Cristianismo e Filosofia permanecem como duas realidades intrincadas, pensar a Filosofia hoje é ao mesmo tempo assumir a herança cristã que está nela inserida, mesmo as discussões pós-modernas que pretendem superar a herança metafísica cristã apontando para uma nova era de pluralismo e abertura a novas perspectivas de entender a religião e o real, não conseguem escapar totalmente a influência da maneira cristã de pensar, até mesmo quando se nega os pressupostos e esquemas de pensar originados com o Cristianismo o fazemos como ocidentais, cuja cultura nos antecede e determina.

O surgimento de um paradigma ecumênico de religião e filosofia no último século pode tornar acessível o diálogo produtivo entre as diversas religiões encontrando pontos em comum, possibilitando ainda a compreensão dos esquemas de pensar de outras culturas, como por exemplo, a cultura oriental, mas sempre a partir de nossa cultura fonte. O discurso de Paulo serve como paradigma neste sentido, pois nos apresenta a perspectiva de um cristão convertido que encontra elementos na cultura grega que permitem o diálogo com o Cristianismo e, conseqüentemente a partir deste encontro, o nascimento da Teologia cristã.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002 (2ª impr. 2003).

COMBY, J.; LEMONON, J. P. *Vida e religiões no império romano, no tempo das primeiras comunidades cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1988.

EPICURO. *Carta a Meneceu*. Trad. Alvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Edunesp, 1997.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.

JOSEFO, Flavio. *Obra Completa*. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

XENÓFANES. Fragmentos. In: PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

REALE, G. *História da Filosofia grega e romana, renascimento do platonismo e do pitagorismo*, vol.VII. São Paulo: Loyola, 1992.

SENECA, L. A. *Cartas consolatórias*. Trad. Cleonice Furtado de Mendonça van Raijm. São Paulo: Pontes, 1992.

_____. *A Vida Feliz*. Trad. André Bartholomeu. São Paulo: Pontes, 1991.

_____. *Aprendendo a viver (cartas a Lucilio)*. Trad. Lucia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: LP&M, 2009.

VERNANT, J. P. *Mito e Religião Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.